

DOSSIÊ 37: SOCIOLINGUÍSTICA, FUNCIONALISMO E ENSINO

SOCIOLINGUISTICS, FUNCTIONALISM, AND TEACHING

Dennis Castanheira¹, Érika Ilogti de Sá², Vinicius Maciel de Oliveira³

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>
denniscastanheira@gmail.com

² Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-9946-8038>
erikacis@id.uff.br

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-1729-1874>
viniciusmaciel@gmail.com

As teorias linguísticas que estudam a língua em uso podem ser agrupadas a partir de alguns pontos em comum, como o maior foco nas questões sociais, a discussão da gramática contextualizada e o ensino de línguas sob um viés interacional. É sob essa visão que este dossiê se organiza, destacando, mais especificamente, a Sociolinguística, o Funcionalismo e o Ensino. Articuladas ou isoladas, as duas teorias são contempladas ao longo dos artigos, muitos também relacionados ao ensino.

Para iniciar o número, há uma entrevista com a pesquisadora Edair Maria Görski, um dos principais nomes das duas áreas, que tem, ao longo dos seus trabalhos, relacionado tal interseção sob o rótulo de “Sociofuncionalismo” e se dedicado a discuti-lo de modo sistemático. Por meio das suas respostas, fica evidente sua grande contribuição por meio das muitas pesquisas realizadas, publicadas e orientadas. Sua relação com o ensino também é bastante clara, com uma clara vinculação entre a pesquisa realizada na universidade e a sala de aula do ensino básico.

No artigo “Estudo variacionista dos possessivos *teu* e *seu* em cartas portuguesas do século XIX”, Célia Regina dos Santos Lopes e Ana Luiza Neves Martins Lisboa dos Santos analisam questões linguísticas e extralinguísticas que condicionam o uso dos possessivos de segunda pessoa do singular “*teu*” e “*seu*” em cartas portuguesas escritas entre 1800 e 1830, pertencentes ao projeto Post-Scriptum. A partir da Sociolinguística Histórica e da Teoria do Poder e da Solidariedade, constata-se que os possessivos estão intimamente relacionados às

formas de sujeito, com o “seu” mais usado nas relações mais distantes e assimétricas e o “teu” em relações mais íntimas.

Em “Nos limites da paixão: os retratos da variação de 2sg na fala de personagens íntimos em ‘Mulheres apaixonadas’, ‘Celebridade’, ‘A grande família’ e ‘Ricos de amor’”, João Vittor Gomes Firmo e Thiago Laurentino de Oliveira apresentam um estudo sobre expressão pronominal de segunda pessoa do singular com função de sujeito a partir de quatro obras da indústria audiovisual nacional atual. Seguindo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e da Etnografia da Comunicação (Hymes, 1972), demonstram que o pronome “tu” está ligado a contextos específicos, como personagens do sexo masculino, situações de conflitos, ambientes privativos e papéis sociais específicos, como o de amante.

Já em “Construções temporo-aspectuais com *sempre que*: uma abordagem discursivo-funcional”, Alana Fernanda dos Anjos Pinto e Michel Gustavo Fontes apresentam uma análise a partir de dados do português brasileiro contemporâneo, tendo por base os princípios teórico-metodológicos do modelo da Gramática Discursivo-Funcional. A análise dos dados, todos do *Córpus do Português*, demonstra que *sempre que* articula construções temporo-aspectuais, nas quais há uma associação do significado temporal global ao aspectual iterativo atrelado à base lexical de formação da conjunção.

No artigo “Traços de agentividade em construções pseudopredicativas de fingimento, Kátia Roberta Rodrigues Pinto discute casos, como “*ela dá uma de santinha*” e “*eu não pago de durona*”, como uma propriedade semântica gradiente. A partir dos Modelos Baseados no Uso e de dados retirados do Corpus do Português, *corpus Web Dialects*, conclui que tais construções apresentam traços de agentividade do sujeito identificados que são identificados a partir da relação entre estrutura argumental (propriedade formal) e inferências semântico-pragmáticas (propriedade funcional).

Em “Papéis discursivo-pragmáticos da construção [Vai que] sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso”, Leyla Ely, Maria Maura Cezario e Juan Lima de Paula analisam tal objeto pela descrição de alguns valores discursivos-pragmáticos da construção de base condicional que se distancia das condicionais mais prototípicas ao se aproximar de um modal epistêmico. Para isso, utilizam dados

do Corpus do Português e da rede social Twitter a partir de uma visão qualitativa e quantitativa e do software R. Os resultados indicaram que essa construção tem diferentes papéis discursivos e que apresenta similaridades com “in case”, do inglês.

No artigo “Contextos críticos de sei lá no português contemporâneo do Brasil”, os autores Mariangela Rios de Oliveira e Cristian Marias do Nascimento Corrêa estudam a expressão “sei lá” no português brasileiro contemporâneo sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, investigando o seu funcionamento como um marcador pragmático epistêmico. A partir de uma abordagem qualitativa que examina sequências textuais do *Corpus do Português* e da rede social X, o estudo identifica “contextos críticos” em que a expressão gera ambiguidade ao transitar entre sua função de marcador discursivo e a atuação como parte de um predicado nominal.

Em “A função retórica preparação: uma proposta para o espanhol peninsular falado”, Beatriz Goaveia Garcia Parra-Araujo e Sandra Denise Gasparini-Bastos propõem uma nova categoria na Gramática Discursivo-Funcional: a função retórica preparação. O texto demonstra que essa função ocorre em orações do espanhol peninsular falado introduzidas por “aunque” e que serve para antecipar uma possível objeção do interlocutor, preparando-o para uma pergunta, pedido ou exortação. A análise usa dados do corpus PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*), com 14 ocorrências, avaliadas segundo informatividade, factualidade e posição da oração concessiva. As autoras chegam ao resultado de que as diferenças comunicativas entre Preparação e Concessão também se refletem na ordem das orações.

Já em “Variação, uso e ensino: uma proposta didática para o registro gráfico da coda (R) final em infinitivos verbais”, os autores Caio Mieiro Mendonça e Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo descrevem um material didático voltado à prática de escrita para estudantes da educação básica da rede pública de ensino da região metropolitana do Rio de Janeiro, elegendo o <r>, de infinitivos verbais, como mote para a abordagem. A proposta combina Sociolinguística Variacionista e Modelos Baseados no Uso, reconhecendo que a omissão do -r na escrita se relaciona à sua frequente não realização na fala. O material é organizado em três oficinas sobre rotinas da manhã, tarde e noite, trabalhando o infinitivo como imperativo, no futuro

perifrástico e como complemento verbal. Com a proposta, os autores esperam reduzir a frequência da omissão gráfica do -r, ampliar a consciência sobre diferenças entre fala e escrita e oferecer um recurso adequado para os professores.

No texto “Interface entre sociolinguística e neurodiversidade: o fenômeno da coda silábica na alfabetização de alunos com TEA”, Luana da Conceição Pedro e Maria Cecília de Magalhães Mollica investigam como a fala influencia a escrita de codas silábicas — /R/, /S/ e nasalidade — na alfabetização de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista). A análise qualitativa envolveu seis crianças de 8 a 10 anos, com diferentes níveis de verbalidade, no Rio de Janeiro. Tal grau de verbalidade foi decisivo: participantes mais verbais apresentaram maior domínio ortográfico; os pouco ou não verbais omitiram mais travadores silábicos. O texto, além de promover as análises fonético-fonológicas empíricas, recomenda práticas inclusivas que integrem consciência fonológica, variação dialetal, apoio visual e atuação conjunta entre Linguística, Pedagogia e Fonoaudiologia Educacional.

Em “Caminhos da sociolinguística para a sala de aula: novas e antigas afirmações acerca da concordância nominal de número (re)visitadas”, as autoras Thamiris Santana Coelho Assis e Monique Alves Vitorino analisam como um livro didático de língua portuguesa para o Ensino Médio aborda o fenômeno da concordância nominal de número, confrontando essa abordagem com as contribuições de pesquisas linguísticas nas áreas da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Educacional. O trabalho retoma o caso da obra *Por uma vida melhor* (Ramos, 2011) e busca compreender de que maneira esse fenômeno é apresentado aos estudantes e quais concepções de língua sustentam essa abordagem. O estudo conclui que embora haja avanços na inclusão de reflexões sobre essa concordância, essas ocorrências ainda são enquadradas como meros desvios e precisam ser revistas.

Já no artigo “Operador argumentativo [VAI QUE]: descrição funcional e atividade de ensino de gramática”, Ana Cláudia Machado dos Santos e Wilton Soares investigam o funcionamento de “[vai que]” no português brasileiro contemporâneo, à luz da Linguística Textual e da Linguística Funcional Centrada no Uso, analisando seu nível de consolidação como microconstrução da rede [X-que]CTD. Com base em uma análise qualitativa de dados extraídos dos gêneros textuais notícia e postagem em

rede social, o estudo apresenta evidências de forte estabilização do operador argumentativo na rede [X-que]CTD, desde a fala cotidiana até as mídias digitais. Além da análise funcional, o trabalho apresenta uma proposta didática voltada para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, alinhada às diretrizes da BNCC, que visa a fomentar a análise linguística crítica e o reconhecimento consciente dessa estratégia argumentativa nas práticas de leitura e produção de textos.

No texto “Da Gramática normativa ao uso real: uma análise dos pronomes pessoais do caso reto em livros didáticos”, Bianca Schmitz Bergmann e Paula Fernanda Eick Cardoso propõem uma análise dos pronomes pessoais do caso reto do português brasileiro a partir de seis livros didáticos de 6º ano de língua portuguesa. As autoras concluem que não há ainda, nos materiais analisados, a inclusão das formas inovadoras nos quadros pronominais, mas refletem sobre discussões propostas a respeito dessas formas.

Em “Quadro pronominal, variação e Gramática: análise de coleções didáticas e proposta de ensino em três eixos”, Monique Débora Alves de Oliveira Lima discute o ensino do quadro pronominal do português brasileiro, considerando os usos reais da língua, a tradição gramatical e a variação linguística. Com base na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), e na proposta dos três eixos (Vieira, 2017), que articula reflexão linguística, produção de sentidos e abordagem da variação/normas. O artigo oferece uma contribuição ao ensino de língua materna, reforçando o papel das descrições do Português Brasileiro, especialmente aquelas realizadas no âmbito da Sociolinguística Variacionista, para a elaboração de práticas pedagógicas mais coerentes com os usos efetivos da língua.

No artigo “Usos sociais da língua e ensino: uma leitura sociovariacionista das práticas linguísticas escolas”, a autora Marilda Alves Adão Carvalho, sob a ótica da Linguística Aplicada e da Sociolinguística Variacionista, questiona o modelo pedagógico tradicional centrado em uma visão normativa e estática da língua, argumentando que tal modelo perpetua a exclusão social e gera insegurança discursiva nos estudantes. O artigo, a partir de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, conclui que, para promover uma educação democrática e socialmente comprometida, é fundamental revisar materiais didáticos, sistemas de avaliação e a formação docente, reconhecendo a heterogeneidade como uma característica natural

e valiosa da dinâmica linguística brasileira para que o ensino de português possa assumir uma função mais crítica e inclusiva, voltada para a formação de sujeitos capazes de atuar de maneira consciente e participativa nos diversos espaços sociais

O texto “Entre usos e contextos: o tratamento da variação pronominal na coleção Enlaces”, de Valdecy de Oliveira Pontes e Jéssika de Oliveira Brasil, a partir de uma abordagem sociolinguística, na qual se consideram aspectos como cenário, participantes, relações de poder e solidariedade e propósito comunicativo, analisa como a obra didática aborda o uso de “tú”, “vos” e “usted” em diferentes contextos de interação. Os resultados mostram limitações, no que diz respeito aos contextos de interação contemplados pela coletânea. Ou seja, não há um aprofundamento de aspectos pragmáticos relacionados ao propósito comunicativo, aos valores sociossemânticos e às intenções dos falantes, elementos que podem interferir diretamente na escolha entre as variantes.

Em “A Construção modal [*poder* + VINF] na narrativa midiática de conflitos/guerras: possibilidade, evidencialidade e leitura crítica em sala de aula”, os autores Marcos Luiz Wiedemer, Léia Menezes e Raphael Alves de Oliveira analisam como a construção [PODER + verbo no infinitivo] é usada em notícias sobre guerras e conflitos para apresentar possibilidades, riscos e cenários futuros. Segundo os autores, esse recurso não expressa apenas “possibilidade”: ele também reduz o compromisso do jornalista com a certeza, cria relações causais hipotéticas e direciona a interpretação do leitor. A credibilidade das projeções é reforçada por especialistas, instituições, indícios e inferências, articulando modalidade epistêmica e evidencialidade. A conclusão a que se chega é a de que essa abordagem se alinha à BNCC, visando formar leitores mais críticos diante do discurso midiático.

Para fechar este dossiê, no trabalho “Da tela para a escola: análise de fenômenos sociolinguísticos oriundos de variação fonético-fonológica no filme *Ai que vida*”, Romília de Sá Feitosa, Maria da Guia Taveiro Silva e Camila Rodrigues Viana analisam variações fonético-fonológicas nas falas de personagens maranhenses e piauienses do filme *Ai Que Vida*. Pautando-se numa discussão que permeia variação, cinema e ensino, as autoras identificaram fenômenos como síncope, despalatização com iotacismo, desnasalização e rotacismo. Os resultados demonstram que as falas

de Zé Leitão e Mona concentram variantes socialmente estigmatizadas; Charlene, Jerod e Dona Rosa não apresentam essas variantes na amostra.

Com tais trabalhos, conseguimos perceber que há uma grande diversidade de temáticas, metodologias e análises possíveis dentro da Sociolinguística, do Funcionalismo e da sua relação com o ensino. Tal questão demonstra que são necessários novos estudos, que partam dessas e de outras investigações, a fim de expandir ainda mais as áreas e também, quando possível, articulá-las entre si, seja na análise dos usos linguísticos (variáveis) ou nas propostas e reflexões para o ensino de línguas.

Esperamos que este Dossiê possibilite, então, a divulgação de pesquisas sob diversos olhares e que contribua para agendas já exploradas no Brasil (mas ainda bastante necessárias), como a discussão de fenômenos variáveis e não variáveis em diferentes níveis linguísticos, a análise e a proposta de materiais didáticos e a articulação teórica entre a Sociolinguística e o Funcionalismo. Tais pontos ainda podem ser (re)discutidos de diferentes maneiras e merecem destaque no cenário científico atual e futuro.

Desejamos uma ótima leitura a todos.

Sobre os(as) autores(as)

Dennis Castanheira

Graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica Magna Cum Laude, Mestre em Linguística e Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense (UFF). No âmbito da Pós-Graduação, é docente credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, no qual é membro do GT de Ações Afirmativas, ao PROFLETRAS da UFRJ e à Pós-Graduação Lato Sensu da UFF. Lidera o projeto de pesquisa Uso e ensino de pronomes: questões sociofuncionais e textuais. É líder do Grupo de Pesquisa Língua em Uso e Ensino (LUE). Também é pesquisador do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, do Grupo Estudos de texto e ensino de língua portuguesa e vice-líder do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto, todos cadastrados no diretório do CNPq. É líder dos projetos de extensão Mulheres na Linguística: por um protagonismo feminino e LabMemes - Laboratório de Memes. É integrante do GT de Descrição do português e do GT de Linguística de

Texto e Análise da Conversação da ANPOLL. Lidera a iniciativa didático-científica Educação ao rés do chão, em parceria com a Profa. Aline Menezes, do Colégio Pedro II. Exerce regularmente o papel de editor convidado de revistas acadêmicas, de organizador de coletâneas investigativas e de organizador de eventos nacionais e internacionais. É parecerista de periódicos especializados do Brasil e do exterior. Publica suas investigações em revistas científicas e em livros técnicos. Atuou no ensino básico nos níveis fundamental e médio.

Érika Ilogti de Sá

Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), desde setembro de 2022. É docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - Linha 1 - da UFF - e da Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização) de Língua Portuguesa da UFF. É doutora (2015) e mestra (2009), em Linguística, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro PPGLing/UFRJ e graduada e licenciada em Letras Português-Francês (2006) também pela UFRJ. É vice-líder do Grupo de Pesquisa Língua em Uso e Ensino (LUE) e membro do Grupo Discurso e Gramática (DeG) na UFF. Atuou como Professora Adjunta de Língua Portuguesa da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), de setembro de 2019 até março de 2024 e ainda como Professora temporária de Filologia Românica no Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ por três anos. Tem experiência nas áreas de Língua Portuguesa, Linguística, Filologia Românica e Crítica Textual, atuando, principalmente, com os Mecanismos Funcionais do Uso da Língua. Atuou por quinze anos no Ensino Básico, Fundamental e Médio, como professora de Língua Portuguesa, Produção Textual e Literatura.

Vinicius Maciel de Oliveira

Possui Graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Letras: Português - Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006), Especialização em Língua Portuguesa pelo Instituto Liceu Literário Português (2009), Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009) e Doutorado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2014). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Funcionalismo e Mudança Linguística. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.